



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TATIANE SACIOTTI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Tatiane Sacilotti

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora (por skype)

Data da entrevista: 22/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 15 páginas

Número da entrevista: E-756

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; ConFederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 22 de abril de 2014. Entrevista com Tatiane Sacilotti a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

T.S. – Olha, na verdade eu sempre gostei assim de futebol, em escola, na rua, mas nada profissional. Só que eu era apaixonada pelo futebol em si. Aí, até eu descobrir que existia a mulher na arbitragem.

I.M. – Como foi esta experiência com o futebol, você chegou a jogar?

T.S. – Não. Nunca joguei futebol para competir. Foi mais em escola mesmo, na rua de casa. Eu era praticamente a única menina que jogava bola com os meninos, mas isso é desde a minha infância, não é? A minha paixão pelo futebol é desde a infância.

I.M. – O que te levou a arbitragem no futebol?

T.S. – Amor à primeira vista (risos). Eu me encantei quando eu descobri a arbitragem feminina, não é? Que foi em 2003, a Sílvia Regina¹, a Aline² e a Ana Paula Oliveira. E quando eu vi, decidi naquele dia que eu iria me tornar árbitra.

I.M. – Quando você começou a arbitrar?

T.S. – Olha, eu comecei em 2003. Eu fiz o curso em São Paulo, no Sindicato dos Árbitros³ e em 2004 eu entrei para fazer o curso da Federação Paulista de Futebol, em São Paulo também.

I.M. – Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

¹ Sílvia Regina de Oliveira.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo (SAFESP).

T.S. – O primeiro curso que eu fiz foi em 2003, no Sindicato dos Árbitros e em 2004 na Federação Paulista. O primeiro jogo da minha vida, que eu fiz foi em uma cidade vizinha aqui, em um jogo amador, na cidade de Lorena⁴. Foi o primeiro jogo que eu fiz. E ali eu iniciei a minha arbitragem.

I.M. – Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

T.S. – Em que sentido você diz?

I.M. – Assim como você falou, por exemplo, você descobriu a arbitragem feminina, que você descrevesse um pouco mais o processo dessa descoberta e seu envolvimento tanto no curso quanto na arbitragem do futebol amador?

T.S. – Ah, entendi. Então, nesse processo a minha mãe até me apoiou muito, não é? Porque quando eu via a arbitragem feminina e eu me apaixonei, que foi um amor à primeira vista, eu disse para a minha mãe que eu queria ser árbitra e eu recebi muito apoio da minha mãe. E a minha mãe disse: “Não, vai fazer o curso sim”. E tinha uma moça que vinha sempre para a minha cidade e, ela trabalhava no Sindicato dos Árbitros em São Paulo e nós entramos em contato com ela para saber como é que se daria o curso⁵. Porque eu tinha 17 anos de idade, não era maior de idade ainda, e ela disse que tinha um curso naquele ano, em 2003, com duração de três meses. E eu fui para São Paulo em todos esses finais de semana durante três meses. E quando eu fiz 18 anos, eu entrei para fazer o curso da Federação⁶. Mas nesse processo de fazer o curso da Federação eu já comecei a fazer uns jogos amadores, não é? Porque eu não entendia nada de regra, eu fui entender quando eu tinha 17 anos, que fiz o curso no Sindicato dos Árbitros. E aí que eu fui me aprimorar nas regras e entender como é que funcionava o futebol. Então quando eu entrei na Federação para fazer o curso, quando eu tinha 18 anos, em 2004, eu já estava começando a ter a minha base de futebol amador, que é muito diferente do futebol profissional. Porém o amador dá uma base muito boa para que quando você chegue no futebol profissional, que

⁴ Lorena, interior de São Paulo, vizinha à Cachoeira Paulista, cidade onde reside a entrevistada.

⁵ Curso de formação de árbitros/as de futebol da SAFESP.

⁶ Curso de formação de árbitros/as de futebol da Federação Paulista de Futebol (FPF).

você tenha bastante carga e bastante experiência. Porque algumas coisas que acontecem no futebol amador não acontecem no profissional. Porém quando acontecer no profissional e isso já tiver acontecido com você no amador, você sabe lidar com algumas situações. Então tem várias situações na arbitragem em si, que você vai conseguir somente com o tempo. Então o amador é muito importante porque ele te dá uma base e não te deixa cru, não é? É diferente de você nunca ter feito um jogo na vida, você ir direto para a Federação, e pegar o primeiro jogo da sua vida já federado. Mas, eu falo que é muito importante o amador para isso.

I.M. – Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem?

T.S. – Então esse processo pela Federação ele se deu durante dez meses, em 2004 o curso demorava 10 meses e hoje se eu não me engano são dois anos de curso. E a arbitragem em 2004 foi quando deu um *boom* muito grande na arbitragem feminina, não é? Se eu não me engano, entraram 30 mulheres para fazer o curso, mas só dez se formaram. Até mesmo porque tem a parte física também, que é bem exigente. Então esse processo foi assim, eu tive que ir para São Paulo, me mudei para São Paulo, para fazer o curso lá, apesar de ele ser uma vez por semana. Ainda continuei morando aqui⁷ durante um período, esses dez meses depois eu mudei para São Paulo para fazer o restante do curso lá. Porque São Paulo é assim se você quiser tem jogo amador de segunda a segunda, não é? Porque é uma cidade muito grande e tem vários clubes que têm os campeonatos amadores. Então enquanto eu fazia o curso eu também estava me aprimorando nos jogos.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

T.S. – Olha, a árbitra feminina naquela época... Foi quando todo mundo veio a conhecer a arbitragem feminina. Ainda existia muito preconceito naquela época. Só que durante um tempo, eu já estou na arbitragem acho que onze, doze anos, a mulher foi ganhando um grande espaço. Lógico que nós ganhamos muito espaço com a entrada da Sílvia Regina, da Aline e da Ana Paula. E elas foram fazendo o nome da arbitragem feminina e aos poucos fomos ganhando o espaço e tirando um pouco do preconceito do homem com a mulher. No

⁷ Cachoeira Paulista (SP).

entanto que o acerto das mulheres, principalmente quando são assistentes, já foi comprovado que ele é maior do que os acertos do homem, por a mulher ser muito mais concentrada e focada naquilo que ela está fazendo. Então, hoje eu acho que nós mulheres ganhamos um espaço muito grande devido a nossa atuação nos jogos e à nossa conquista, que sempre foi um pouco difícil, mas eles foram entendendo que a mulher também pode participar do futebol. E nós fomos ganhando um grande espaço e hoje eu acho que pode existir algum preconceito, pode até existir, mas de uma forma bem menor do que era no princípio.

I.M. – O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

T.S. – Eu acho, eu falo assim que se não existir amor, em primeiro lugar pela arbitragem, eu acho que ninguém fica, nem homem e nem mulher. Porque a arbitragem é diferente de todas as coisas, eu digo que a sensação de estar em um jogo, não se compara a nada. Então, tem muitas cidades que nós vamos que perdemos dois, três dias para fazer um jogo. Então se não existir amor por aquela coisa que você está fazendo, é muito fácil você abandonar a arbitragem e falar que aquilo não vale a pena. Mas quando a gente faz com amor algo que a gente gosta tanto, a gente não vê nem tanto sacrifício, porque exige muito sacrifício da nossa parte. Exige o sacrifício de deixar a sua família no final de semana, exige o sacrifício de: “Olha eu não vou participar do seu casamento”; “Não vou participar da sua festa”, porque eu tenho jogo, exige, a gente tem que abrir mão de muita coisa por causa da arbitragem. Então se a família não compreender, porque família entra junto nessa também. Então se a sua família não compreender que essa é a sua profissão, seu amor em estar no campo, é muito difícil permanecer na arbitragem.

I.M. – Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

T.S. – Eu tive sim dificuldades. Eu tive dificuldades pessoais, físicas, porque eu sempre gostei de brincar de jogar bola, mas nunca foi nada profissional. Aí eu tive de começar a entender e tive que fazer também o meu corpo entender que agora eu teria uma rotina de treinos. Então, assim, esse processo de adaptação ao treino, e de se entregar mesmo ao treino, não é? De colocar como rotina, esse processo foi um pouquinho difícil. Mas aos poucos o meu corpo foi entendendo, fui perdendo um pouquinho de peso também, não é?

Porque na arbitragem não tem como ter um árbitro um pouquinho acima do peso, não é? Então tem que ter prioridades, então essa era uma das prioridades que eu tinha que ter. Então eu tive que passar por esse processo da parte física, que foi um pouquinho doloroso no começo, não vou mentir que não é mais, porque ainda é, principalmente quando a gente tem que fazer o teste físico masculino⁸, a exigência é bem maior, então é esse processo sempre de lidar com a parte física, que você nunca pode relaxar. Não existe isso: “Ah, eu fiz o teste e pronto, estou aprovada”. Não, é contínuo esse treinamento.

I.M. – Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

T.S. – Eu sempre atuei como árbitra assistente. Quando eu me apaixonei pela arbitragem em si, eu achava que eu iria ser árbitra central, mas eu comecei bandeirando. E por começar bandeirando eu me identifiquei muito como árbitra assistente, então eu não quis nem ir para o apito, eu fiquei como árbitra assistente e todo esse processo meu de carreira se dá como árbitra assistente.

I.M. – Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF⁹, ASP-FIFA, FIFA¹⁰ ou Federação Estadual)?

T.S. – A maior que eu conquistei, que Deus me deu, foi Aspirante FIFA (ASP-FIFA). Então hoje eu faço parte do quadro de Aspirante FIFA, não é? Agora está nas mãos de Deus se for FIFA ou não. Porque você é Aspirante FIFA. Os Aspirantes FIFA são os próximos FIFA's, mas não significa que um dia você vai ser FIFA. Porque são números de vagas por país, para eu entrar como FIFA alguém vai ter que sair, então tem todo esse processo. Mas o meu sonho eu falo que já está realizado de chegar como Aspirante FIFA, não é? Porque quantas pessoas que vão ser árbitros e são árbitros e que nunca irão chegar nesse processo? Então eu fico muito feliz de ser Aspirante FIFA.

I.M. – Em qual delas se encontra atualmente?

⁸ Para a árbitra poder atuar em partidas de futebol masculino tem de atingir o índice masculino no teste físico.

⁹ Confederação Brasileira de Futebol.

T.S. – Onde? Qual quadro?

I.M. – É Aspirante FIFA a categoria atual?

T.S. – Isso. Atual.

I.M. – Qual foi o período em que você arbitrou?

T.S. – Não entendi.

I.M. – Desde quando você está arbitrando?

T.S. – Ah, sim. Desde 2003, desde quando eu fui do sindicato, o curso do Sindicato dos Árbitros em São Paulo. Ali eu já comecei a atuar no amador, mas pela Federação Paulista eu comecei a atuar em categorias de base em 2005.

I.M. – O que te fez permanecer como árbitra/assistente de futebol?

T.S. – Olha, eu falo que a gente passa por grandes dificuldades, por muitas provas, mas é aquilo que eu te falei. Se não existir amor pela arbitragem é difícil permanecer. E também se não existir cobrança minha, entrega minha em relação aos meus jogos, à minha qualidade nos jogos, as minhas cobranças próprias, porque nós somos seres humanos. Eu posso errar como eu posso acertar e, eu sou muito chata neste sentido de cobrança, não é? Então eu procuro sempre quando é jogo de TV, sempre gravar os meus jogos e assistir aos meus jogos também. Para saber onde foram os meus acertos, os meus erros, se eu tive erro, porque eu errei, qual foi a minha colocação? Se eu não estava bem colocada na hora, o que eu fiz para não ter acertado aquele lance? Procurar entender e aprender com o erro, não é? Porque a gente aprende muito com o erro. Então, sempre fazer essa leitura, aonde que eu posso melhorar? O que eu tenho que fazer? Se eu tenho que treinar mais, se eu tenho que estudar mais e o ângulo em que eu tenho que estar, se a minha mão estava certa, se a mão estava errada, se o meu ângulo, se o meu corpo estava bem posicionado, se o ângulo em

¹⁰ Federação Internacional de Futebol.

que eu estava não estava bem. Então eu faço sempre essa análise minha e eu tenho uma cobrança muito alta sobre mim. Independente das outras pessoas, porque a gente tem muita cobrança, não é? No jogo em si eles fazem muita cobrança, eu procuro me cobrar, antes que todas as outras pessoas venham me cobrar eu me cobro bastante também.

I.M. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou/enfrenta na arbitragem?

T.S. – Olha, as grandes dificuldades que eu enfrentei quando disse que seria árbitra, foram as pessoas tipo zombarem, falarem: “Imagina, você nunca que vai ser árbitra”; “Você nunca que vai chegar”. Então eu acho que se eu desse ouvido para algumas pessoas que tentaram me desmotivar, eu acho que eu nunca chegaria a esse nível de carreira. E uma parte de dificuldade em si foi vencer também um certo preconceito e até você fazer “seu nome”, que na verdade é a sua carteira de apresentação para as pessoas como profissional. Porque todo jogo você tem que de uma certa maneira provar a sua qualidade, não é? Então, até você conquistar na arbitragem um nome é um processo bem doloroso, você tem que passar por muitas coisas. Então eu acho que esse processo foi um pouquinho duro assim, mas hoje em dia eu sei lidar bastante com esse processo.

I.M. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

T.S. – A minha família foi a base de tudo, não é? Meus pais são separados, mas a minha mãe Antonieta foi a base minha de aprovação. Porque quando eu disse para ela que eu queria fazer o curso de árbitra, que eu queria ser árbitra, o primeiro apoio que veio foi o da minha mãe. Então: “Ah, vamos descobrir como é que faz o curso”; “Ah, vamos ver como que é”. Então se eu não tivesse o incentivo da minha família, da minha mãe, eu acho que eu não estaria aqui hoje talvez falando com você.

I.M. – Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

T.S. – Então, eu atuei já pela Federação e atuo na série A1¹¹ do campeonato paulista, tenho duas finais da série A1 do paulista, Santos e Corinthians¹², também tenho Ituano e

¹¹ Primeira divisão do Campeonato Paulista de Futebol masculino.

¹² Santos e Corinthians, em 15 de maio de 2011.

Santos¹³, que foi o jogo do ano passado da final. E também pela CBF tenho a série A do Brasileiro, que é tão difícil chegar na série A do Brasileiro, não é? Então das séries do Brasileiro eu já fiz todas, de A a D, não é? Série A, Série B, Série C e Série D¹⁴. Também temos a Copa do Brasil feminina e a masculina e o Campeonato Brasileiro feminino também. Então eu alcancei todas estas categorias.

I.M. – Por quais federações e ligas arbitrou?

T.S. – Olha, Federação mesmo foi só a minha, a Federação Paulista e liga, assim eu fiz muitos jogos pelo Sindicato dos Árbitros em São Paulo, no período em que eu morei lá. Então, foram as duas entidades que eu representei assim.

I.M. – Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

T.S. – Sem dúvida nenhuma eu tive muita base da Ana Paula Oliveira, que eu admirava muito e procurava sempre assistir aos jogos dela, a forma com que ela se posicionava, porque a gente precisa ter alguém que você tenha como um espelho. E, a Ana Paula para mim, no quadro feminino foi essa pessoa que eu admirava bastante, não é? A Sílvia Regina também, que admirava bastante, mas a Sílvia era árbitra central, não é? Mas a gente podia avaliar algumas coisas. Mas a Ana Paula, como árbitra assistente, era quem eu me espelhava.

I.M. – Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

T.S. – Os principais fatos assim para consolidar a minha carreira foram eu querer permanecer. Porque você sabe que tem alguns jogos que você vai e que nem valia a pena você ir na parte financeira. Na nossa carreira nós passamos por vários jogos nas categorias de base, com distâncias, viagens de cinco, oito horas. Então se você não se empenhar, você também não vai chegar ao nível de um profissional. Se na base você já desistir na sua carreira, é óbvio que você nunca vai chegar no profissional, ao nível de profissional. Então,

¹³ Ituano e Santos, em 6 de Abril de 2014.

¹⁴ Correspondem respectivamente à 1^a, 2^a, 3^a e 4^a divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino.

para chegar no nível de profissional você tem que passar por uma fase dolorosa. E digo que ainda no profissional também tem alguma fase, mas esse início é doloroso. Então se você não conseguir passar por essa parte dolorosa, dificilmente você vai chegar no profissional.

I.M. – Você teve algum (a) árbitro (a) como referência para sua atuação? Por quê?

T.S. – Ah, eu tive sim, o Wilson Seneme, não é? Também admiro muito a arbitragem hoje do Luís Flávio de Oliveira, que são os dois árbitros nossos, da nossa Federação. O Seneme, não mais como árbitro, mas sim agora como integrante da CONMEBOL¹⁵ e também da CBF e, o Luís Flávio como árbitro atuante, não é? Eu admiro muito o Luís Flávio, admirava também muito o Paulo César¹⁶, na época quando atuava. Então são pessoas que eu admirava pela competência que tinham e que têm dentro de campo, e pela autoridade também, que eles impunham. Porque é difícil você manter a autoridade sem faltar com respeito e, eles conseguiram conquistar no meio do futebol autoridade sem faltar com respeito. Então eram os árbitros que eu sempre admirei e ainda continuo admirando.

I.M. – Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

T.S. – Eu falo para você que é bem difícil, você tem que abrir mão de muitas coisas. Tem que abrir mão de estar com a sua família, tem que abrir mão das suas vontades próprias. Porque é difícil você querer fazer alguma coisa, mas você na verdade não pode contar com aquilo porque provavelmente no final de semana você vai ser escalado. Então eu não posso fazer outros planos para o meu final de semana. Então eu posso até fazer um plano para o meu final de semana, que eu quero fazer tal coisa, só que eu só vou fazer aquela tal coisa se eu não estiver escalada. É até engraçado, o meu aniversário, a minha comemoração de aniversário é sempre assim. Olha, que dia vai ser a festa então? Não sei. Vai ser este final de semana, pode ser que seja no sábado, pode ser que seja domingo, eu tenho que esperar sair a escala para ver quando que vai poder fazer a festa. Ou então se não der certo de fazer no final de semana, eu tenho que fazer na sexta ou no meio de semana, mas tudo dependendo de como é que vão ser as minhas escalas. Então a minha vida em si, particular, ela vai conforme vão ser as minhas escalas. Então eu já perdi muita coisa e ainda continuo

¹⁵ ConFederação Sul-Americana de Futebol.

¹⁶ Paulo Cesar Oliveira, irmão de Luís Flávio.

perdendo muita coisa ao lado da minha família, não é? Muitas comemorações, de tempo que a gente tem que se dedicar à família, por causa disso, não é? De escalas. Mas é algo que eu já aprendi a lidar, não é? Lógico que tem situações que você quer estar muito presente naquilo e é impossível você estar. Aí a gente sente um pouco a dor de não poder estar participando com a família, mas é algo que a minha família já entendeu também todo esse processo e, hoje eles entendem numa boa. Mas não é fácil não.

I.M. – Qual(is) episódio(s) marcou(aram) a sua carreira na arbitragem até o momento?

T.S. – Olha, eu acho que um grande episódio que marcou a minha carreira assim em mim, foi em 2011. Quando foi meu primeiro ano na série A1 do paulista, que era um grande sonho meu, chegar na série A1 do paulista e naquele ano eu fiz trio com o Luís Flávio. Porque nós trabalhamos como trio fixo na série A1 do paulista, eu, Luís Flávio e o Davi Botelho, então foi o primeiro ano meu e nós fizemos um belo campeonato. E o Luís Flávio foi selecionado para fazer a final do campeonato paulista daquele ano de 2011. A minha comissão de arbitragem poderia optar se poderiam permanecer comigo na final ou poderiam colocar outros assistentes. E eles permaneceram com os assistentes, então eu e o Botelho fomos com o Luís para a final do campeonato. O engraçado é que eu nunca tinha feito um clássico na minha vida e justamente no meu primeiro ano foi quando eu fiz o primeiro clássico da minha vida. Já foi na final do campeonato paulista e o jogo foi Santos e Corinthians na Vila Belmiro. Foi um jogo super difícil, muito difícil para mim. Eu acho que na minha carreira, foi um dos jogos mais difíceis que eu fiz. Então lidar com toda a pressão presente por estar numa final do campeonato paulista é muito grande. Ainda mais que era o meu primeiro ano na série A1 do campeonato paulista e era também o primeiro clássico que eu estava fazendo na minha vida. E naquele jogo em si aconteceram muitos lances difíceis, mas graças a Deus eu pude acertar todos os lances. E naquele ano eu fui escolhida a 3ª melhor árbitra assistente do campeonato paulista. Então eu falo que 2011 foi o ano que marcou minha carreira e a minha história na arbitragem. Então eu tenho muito isso na minha memória ainda.

I.M. – O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

T.S. – Olha, a arbitragem trouxe de positivo para mim o meu encontro comigo. Porque eu amo estar na arbitragem e é até engraçado, porque quando você entra naquele estádio cheio e você olhar para a arquibancada, vê os times...e eu falo até para os árbitros, “mas como eu amo estar nesse lugar”. Então eu me sinto realizada quando eu estou ali. Independente se é jogo de TV, se não é, mas a sensação de estar no campo não tem como descrever. Então eu me sinto muito realizada quando eu estou em campo, então, eu gosto de estar. E a minha família sente isso que eu sinto, não é? A minha família quando eu vou fazer jogo de TV todo mundo pára para assistir. Então é por eles que eu estou ali também e eu sempre tento dar o meu melhor para eles. Então eu amo estar ali, eu falo que eu me encontro quando estou em campo.

I.M. – O que significava para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

T.S. – Significa uma conquista muito grande porque muitas mulheres não conseguem chegar no nível profissional, até homens também, não falo só mulheres. Por causa da parte física, não é? Dos testes físicos. Então é uma conquista muito grande, é algo que muita gente sonha, porém não é algo que todos vão conquistar. Você se tornar árbitro hoje, mas você não tem a certeza e a segurança de que um dia você vai ser um árbitro profissional e conhecido. Então eu sou muito grata pela arbitragem e por ter conseguido chegar ao nível em que estou e ser reconhecida por eles também.

I.M. – Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

T.S. – Sem dúvida eu falo que atingi. Eu tinha o sonho de ser FIFA e ainda tenho, mas estou satisfeita de ser Aspirante FIFA como eu já tinha dito a você. É muito, muito difícil chegar a esse nível, eu ainda tenho mais um passo que eu quero ser FIFA, mas se hoje eu terminasse a minha carreira, eu iria terminar completa. Eu ia me sentir completa por ter chegado aonde muitas pessoas não vão conseguir chegar. Só de estar como Aspirante é como se fosse um sonho realizado para mim. Então hoje se eu parasse minha carreira eu ia estar satisfeita por ter atingido todas as categorias que eu queria atingir pela CBF e fazer todos os campeonatos. E por estar na minha Federação, consegui chegar à série A1, ao nível altíssimo que é a arbitragem paulista. Então hoje se eu parasse a minha carreira eu iria dizer para você que sou feliz por chegar aonde eu cheguei.

I.M. – Como você percebe o olhar do outro sobre o seu corpo na arbitragem do futebol profissional brasileiro?

T.S. – Em que sentido você quer dizer?

I.M. – Se você percebe que as pessoas olham para o seu corpo durante as partidas?

TS: Entendi. Em relação aos jogadores eu percebo normal. É como se fosse alguma pessoa independente do sexo, se é masculino ou feminino, eles me olham igual aos outros árbitros. Então eu não tenho dificuldade de lidar com os jogadores em si, neste sentido. Lógico que tem algumas gracinhas da torcida, que aí a torcida é diferente. Mas com os jogadores em si, eu tenho um grande respeito por eles, e eu também tenho que me impor muito em relação a isso, não é? Eu acho que tudo depende da forma como você se coloca, o limite que você dá ao jogador e o respeito que você exige dele. Então quando a gente respeita os jogadores eles acabam te respeitando, então eu não tenho muita dificuldade nessa área de olhar de forma diferente.

I.M. – Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

T.S. – Eu acho que agora vejo de uma forma positiva. Antes eu acho que eles viam a mulher como algum ponto de interrogação, com alguma dúvida: “Ah, mas é mulher não sei como vai ser hoje...”. Eu acho que a gente conquistou um grande espaço na arbitragem feminina, por representar as mulheres ali no campo. Eu acho que hoje a imprensa vê de uma forma bem, bem diferente. Então não vejo discriminação da parte da imprensa mais neste sentido.

I.M. – Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

T.S. – Eu acho que quando acontece com mulher, em algumas situações a repercussão é maior do que com o homem. Então depende muito do que (risos) a mídia quer mostrar, não é? A mídia ela tem um grande poder de mostrar coisas positivas, como tem um grande

poder de mostrar coisas negativas. Então eu vejo que depende muito do momento e o que a mídia quer vender, não é? A mídia, ela vende alguma imagem. Então se ela quer mostrar alguma imagem positiva de homem, de mulher, ela vai conseguir mostrar. Mas também se ela quiser mostrar algum lado negativo, ela vai mostrar. E quando se fala de mulher, ela tem um foco maior em cima da mulher neste sentido, dependendo do momento o que ela quer mostrar, porque ela quer vender. Eu vejo por esse ponto.

I.M. – Como é (era) a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

T.S. – Olha, a minha rotina de treinamentos, eu tenho que treinar todos os dias, de segunda até sábado. Então eu tento conciliar sempre os meus treinamentos com os meus jogos, não é? Porque tem dia de jogo e também dependendo tem duração de viagem, às vezes são 3 dias de viagem, então eu tenho que me adaptar à rotina de treino, à rotina de viagem, de jogo, de trabalho fora da arbitragem também. Então sempre tenho que estar conciliando com tudo.

I.M. – Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

T.S. – Você diz árbitra central?

I.M. – Sim, também. No caso aqui o objetivo da pergunta é verificar se você observa diferença entre o homem e a mulher na arbitragem.

T.S. – Eu acho que eu vejo um grande ponto que é a parte física, não é? Porque querendo ou não, não tem como negar, que a parte física do homem e da mulher é muito diferente, muito diferente. Então a mulher precisa se dedicar muito mais aos treinos do que o homem. Então o homem já tem algumas competências físicas que para ele é fácil, muito mais fácil um teste do que para a mulher. Se o homem treina seis meses no ano, a mulher vai ter que treinar um ano, para conseguir fazer um teste masculino. Então eu vejo bastante diferença nessa área física, que é bastante exigente, mas que a mulher também consegue. Então eu acho que a principal diferença de homem e de mulher, não vejo nem tanto na capacidade de estar dentro de campo, mas na parte física.

I.M. – O que a sua geração de árbitras deixa (ou) para as gerações seguintes?

T.S. – Eu acho que a gente deixa uma grande conquista na arbitragem feminina, um grande reconhecimento, de provar que a mulher também é capaz de estar em campo, é também uma boa profissional, que pode ser bem representada independente de ser mulher ou não. Então eu acho que muitas coisas que as pessoas tinham: “Ah, mas é mulher. Mulher não tem que estar no campo, mulher tem que estar em casa”. Eu acho que muito disso nós conseguimos conquistar e mostrar um ponto de vista diferente. Então eu acho que as próximas gerações que vão vir de mulheres, já vão entrar com um olhar diferente sobre elas, porque nós conseguimos conquistar isso: o respeito dos jogadores, o respeito das equipes, o próprio respeito da nossa comissão de arbitragem, de que nós mulheres podemos fazer algo bom, podemos estar ali e ser respeitadas como os homens.

I.M. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

T.S. – Olha, eu gostaria de parabenizar a você pelas perguntas em si, todas, perguntas bem elaboradas, são perguntas, pelo meu ponto de vista que querem entender o que realmente é e como é arbitragem. Porque não existe o interesse das pessoas em saber como é a arbitragem, poucas são as pessoas que se interessam em saber como é a vida de um árbitro. Muitas pessoas querem saber como é a vida de um jogador, tem muita mídia em cima, mas da arbitragem em si, muitas vezes a gente passa batido, despercebido. Então eu queria te agradecer pela sua entrevista comigo, por você ter me procurado. Eu queria deixar essas palavras para você de agradecimento.

I.M. – Aquela questão que você falou do trabalho fora da arbitragem, você tem outra profissão?

T.S. – Sim. Nós, como árbitros temos que ter uma outra renda também, não é? Porque a gente não pode viver só da arbitragem. Bom seria se a gente pudesse viver só da arbitragem e dedicar a nossa vida só à arbitragem, aos treinos e não ter que se preocupar com o trabalho. Mas como a arbitragem em si ainda... Nós não vivemos como os jogadores

que são reconhecidos em carteira, nós temos que ter outro trabalho fora. Porque o jogo ele é incerto, você nunca sabe quando você vai ser escalado ou não, então financeiramente não dá para depender da arbitragem. Que bom seria se eu pudesse viver só disso, mas infelizmente ainda não chegamos a esse nível de poder depender só de arbitragem, por isso que todos os árbitros têm que ter uma profissão extra, fora a arbitragem.

I.M. – E você atua com o que?

T.S. – Eu sou professora de Educação Física, eu dou aula de hidroginástica em uma clínica de fisioterapia lá na minha cidade¹⁷ mesmo. Então eu dou aula de hidroginástica e sou árbitra assistente.

I.M. – Como é o dia do jogo?

T.S. – Olha, o dia do jogo é um dia de concentração, não é? Lógico que a gente se prepara fisicamente para estar no jogo, sempre, mas o dia do jogo é um dia diferente. É um dia que você sabe que tudo aquilo que você treinou, tudo aquilo que eles passam de instrução para a gente, é onde a gente tem que colocar em prática, não é? Então é um dia gostoso e é um dia de concentração, de foco, de mentalizar, de se concentrar para estar ali, para os 90 minutos e mais os acréscimos (risos). Estar ali focada para aquilo, a gente é preparado para aquilo. Nós almejamos, a gente não vê a hora de sair a escala. É tão gostoso quando sai a escala e você sabe que você está em tal jogo e você quer dar o seu melhor. Então no dia do jogo a gente se prepara para dar o nosso melhor, para o jogo, para a nossa comissão de arbitragem também e principalmente para a gente, não é? Porque é tão bom quando você sai de um jogo e você sabe que você deu o seu melhor ali. Então isso é muito bom, é uma sensação muito boa.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁷ Cachoeira Paulista, interior de São Paulo.